



SOCIALIZAÇÃO E INSTITUIÇÕES DE INSERÇÃO E REINSERÇÃO SOCIAL

Anteriormente, falamos de Max Weber e da importância do seu pensamento sobre a ação social, os tipos ideais e a relação que ele estabelece entre protestantismo e capitalismo. Weber é, sem dúvida, um autor fundamental e ainda vamos falar muito dele ao longo do nosso curso, assim como de Marx e Durkheim!

Agora, vamos estudar alguns processos e instituições que a Sociologia considera fundamentais, como a socialização, o status social e as instituições de inserção e reinserção social. Bom, ao longo das nossas últimas aulas, pudemos perceber que a vida em sociedade é algo central nos estudos sociológicos. O homem é um ser social. Vivemos em sociedade, porque precisamos uns dos outros. Mas quanto de nós e das nossas vidas é definido pela sociedade e quanto é resultado da nossa individualidade?

Ao analisarmos as sociedades antigas, notamos que a importância do grupo era enorme. Isso quer dizer que a relevância do indivíduo se dava pelo papel que desempenhava dentro de um determinado grupo, fosse a família, o clã ou a tribo. A noção de indivíduo só vai ganhar força no século XVI, com a Reforma Protestante. Ao definir o homem como um ser criado à imagem e semelhança de Deus, esse movimento deu maior poder ao ser humano.



Na pintura do século XVII, aparecem Lutero e os integrantes da Reforma Protestante na parte superior da imagem, enquanto, na parte de baixo, os governantes da época assistem ao movimento reformista. A relação entre religião e política fica evidente.



Como vimos até aqui, o Iluminismo, o desenvolvimento do capitalismo e o avanço do pensamento liberal tiveram grande importância para a ascensão da ideia de indivíduo e de individualismo. O homem passa a estar no centro de tudo.

A SOCIALIZAÇÃO

A mescla entre o indivíduo e a sociedade se dá por meio do que a Sociologia chama de **socialização**. São diversas as instituições e os grupos que podem participar desse processo. Desde a família até a escola, a Igreja, a comunidade do bairro, a empresa onde se trabalha etc.



Família confraterniza no parque.

Monges meditando.

Crianças estudando na escola.

“O processo pelo qual os indivíduos formam a sociedade e são formados por ela é chamado de socialização. A imagem que melhor descreve esse processo é a de uma rede tecida por relações sociais que vão se entrelaçando e compondo diversas outras relações até formar toda a sociedade.”

Fonte: TOMAZIO, Nelson Dacio. Sociologia para o Ensino Médio. São Paulo: Saraiva, 2010.

A Sociologia entende que a individualidade, embora exista, é construída a partir das relações sociais que a pessoa estabelece com diferentes grupos e instituições. A família onde nascemos, a religião que professamos e a escola onde estudamos são todos elementos importantes que ajudam a formar experiências que nos diferenciarão de outros indivíduos e, ao mesmo tempo, nos farão ter o sentimento de pertencimento a determinada comunidade.

Esse processo se inicia desde o momento em que nascemos. Para se integrar ao mundo, a criança terá de aprender os códigos sociais. Ela começa a observar o mundo e a identificar e compreender determinados comportamentos e seus significados.

A verdade é que vivemos em uma sociedade repleta de instituições, nos relacionamos o tempo todo com algum tipo de instituição social. Por meio delas, somos levados a ter comportamentos que não escolhemos, mas apenas realizamos sem questionar os motivos.

Nesse sentido, as instituições sociais atuam para garantir que as regras e normas da sociedade sejam cumpridas. Elas integram o processo de socialização, fazendo com que o indivíduo se adeque ao grupo social. De uma certa forma, essas instituições mediam possíveis conflitos entre a individualidade e a coletividade, já que, como seres sociais, precisamos nos enquadrar nas normas sociais que organizam o grupo social ao qual pertencemos.



Pode-se dizer que as instituições sociais fazem com que nos enquadremos em “padrões sociais”, auxiliando na construção da **coesão social**. Segundo Durkheim, existiriam dois tipos de instituições sociais: as primárias e as secundárias.

As **instituições sociais primárias** são as primeiras com as quais o indivíduo tem contato e estão baseadas na afetividade. O principal exemplo desse tipo de instituição é a família.

Já as **instituições sociais secundárias** se baseiam em normas sociais exteriores ao convívio familiar e, em geral, menos flexíveis. A escola, a Igreja, o trabalho e o Estado são exemplos dessa socialização secundária.

Como primeira instituição, a **família** é responsável por ensinar as primeiras regras que conhecemos. A partir de vínculos afetivos, os familiares nos ensinam as regras que permitirão nossa vida em sociedade.

Entre as instituições sociais secundárias, as **instituições religiosas** costumam ser aquelas com as quais grande parte da população tem o primeiro contato, depois da família. A ideia em torno do que é sagrado está presente em diferentes culturas há milhares de anos. Esse pensamento de culto a entidades divinas levou à criação de espaços físicos, como sinagogas, terreiros, mesquitas e igrejas. Esses lugares funcionam como disseminadores de normas sociais e morais.

A **escola** também é um local de socialização secundária. Ela possui o papel de preparar o indivíduo para a vida em sociedade, ensinando-lhe normas sociais e legais, necessárias para que ele consiga viver em sociedade e, principalmente, possa trabalhar e exercer sua cidadania.

Uma terceira instituição social secundária é o **trabalho**. Este ocupa um papel central na sociedade capitalista. De uma certa forma, as demais instituições que vimos até aqui têm a função de preparar o indivíduo, justamente, para que ele possa trabalhar e, com isso, contribuir para a sociedade.

Por último, o **Estado** também participa da socialização secundária. Para Émile Durkheim, o Estado é a instituição social de caráter mais complexo, pois depende das etapas anteriores de socialização. É composto por um sistema de normas legais e constitui a instituição em que se dá o maior distanciamento e impessoalidade em relação ao indivíduo.

“Nascemos todos em algum lugar da sociedade: num bairro de periferia, num edifício no centro da cidade, numa favela, num condomínio fechado, e pertencemos quase sempre a algum tipo de família. É dentro da família que aprendemos os primeiros valores do grupo e da sociedade a que pertencemos. Os pais (ou aqueles que cumprem este papel), criam e provêm os filhos de condições para a subsistência e esperam desses respeitos e obediência. A sociedade espera que os pais trabalhem e tenham uma vida honesta, às mães cabe o amor incondicional, capaz de fazê-las abrir mão da própria vida para ver a felicidade de seus filhos. Isso pode parecer um pouco exagerado, mas, às vezes, a caricatura de uma situação nos permite enxergá-la melhor.”

Fonte: LORENSETTI ET AL. Sociologia – Ensino Médio. Curitiba: SEED-PR, 2006, p. 63.



A RESSOCIALIZAÇÃO

E quando temos um problema nessa socialização? Quando um indivíduo, por diferentes motivos, se mostra incapaz de seguir os padrões sociais existentes, o que fazer? Nesse caso, atuam as **instituições de reinserção**. Esse tipo de instituição tem o papel de possibilitar a reintegração do indivíduo à sociedade após ele ter passado um período privado de sua liberdade.

A **prisão** é uma instituição de reinserção. Aquelas pessoas que cometem um crime podem ter como punição a pena de privação de liberdade. Existem também outros tipos de pena, como a aplicação de uma multa, por exemplo. Isso vai depender do tipo de crime que o indivíduo cometeu e da legislação vigente. Se a pena for de privação de liberdade, aquele que teve um comportamento criminoso ficará preso, já que é considerado perigoso para a sociedade.

Dessa forma, a prisão busca manter a ordem social ao retirar um indivíduo perigoso do convívio em sociedade, mas tem também a função de o preparar para a reinserção social tão logo termine de cumprir a pena. Quem trabalhou esse tema muito bem foi Michel Foucault, em sua clássica obra “Vigiar e punir”. Nós sabemos que, na prática, com a superlotação de celas e com as condições, muitas vezes, extremamente insalubres, nem sempre essas instituições conseguem desempenhar o seu papel de forma efetiva. Surgem aí programas alternativos para pensar essa ressocialização, conforme pode ser visto no quadro abaixo.

“A implementação de programas voltados aos egressos do sistema prisional surge a partir da percepção de que a prisão não reintegra socialmente os indivíduos que por ela passam, demonstrando a incapacidade deste modelo de punição resolver o problema da violência e da criminalidade. No Brasil, programas destinados a esse público atuam, principalmente, no âmbito do atendimento psicossocial, inserção no mercado de trabalho e qualificação profissional. Contudo, o total de programas ainda é insuficiente e muitas iniciativas são executadas por entidades filantrópicas, ou por meio de parcerias e convênios firmados com prefeituras, estados e universidades.”

Fonte: SOUZA, Rafaella Lopes; SILVEIRA, Andréa Maria. Mito da ressocialização: programas destinados a egressos do sistema prisional. Disponível em https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/13421/11749.



Existem outros tipos de instituições de reinserção: os asilos (destinados aos idosos); os educandários (voltados para crianças); e os manicômios (voltados para os indivíduos com algum tipo de doença mental). Em todos esses casos, existe uma percepção de vulnerabilidade e de necessidade de proteção desses indivíduos.



AS CLASSES SOCIAIS E O STATUS SOCIAL

Um outro tema importante para entendermos a vida em sociedade são as classes sociais. Segundo Weber, os indivíduos não ocupam a mesma posição dentro da sociedade. Essa desigualdade social traz consigo diferentes possibilidades de acesso a oportunidades econômicas e a poder político. São, no fundo, relações de poder.

Weber elaborou a **teoria da estratificação social** para analisar a sociedade. Nela, analisa os conceitos de classe e de status, que são tipos ideais de diferenciação social. Isso quer dizer que eles funcionam como uma ferramenta para compreendermos a sociedade. Segundo esse pensador, **uma classe social** é constituída por um grupo de pessoas que está na mesma situação econômica. A situação de classe envolveria não apenas a posse da propriedade, mas também a possibilidade de sua valorização. Pessoas de uma mesma classe social poderiam fazer parte de diferentes estratos sociais, dependendo do tipo de propriedade e de bens que possuem.

Weber diferencia classe de status. Ambos podem andar juntos, mas não necessariamente. Vejamos! **O status social** tem a ver com prestígio, que decorre do estilo de vida, do nível de instrução formal e da posição social. Os indivíduos que têm o mesmo tipo de status formam um estamento. A comunidade formada por um grupo que detém o mesmo **status privilegiado** costuma ter vantagens exclusivas. Essas pessoas costumam ser mais respeitadas e estimadas socialmente. Um exemplo histórico disso era a nobreza nas monarquias absolutistas europeias. Essa condição de status pode ser utilizada para ter acesso à propriedade econômica.

Ao mesmo tempo, aqueles que detêm a posse da propriedade nem sempre conseguem ocupar uma posição social de prestígio e obter um status privilegiado. Basta pensar em um empresário que enriqueceu por sua habilidade nos negócios, mas que, por ter origem em uma classe social mais baixa e mesmo pela ausência de educação formal, pode enfrentar o desprezo de outras pessoas em posições privilegiadas. Nesse exemplo, a situação de classe social desse empresário não se traduz em uma condição de status privilegiado.

Como podemos observar, o conceito de classes sociais proposto por Weber é diferente da **concepção de classe de Marx**. Conforme vimos em uma de nossas aulas anteriores, para esse autor, as classes sociais surgem a partir da divisão social do trabalho. As relações de produção definem a organização social, já que o processo produtivo aliena o trabalhador, cuja única função social é produzir. A sociedade estaria, assim, dividida entre aqueles que possuem os meios de produção e os que, ao não serem detentores desses meios, vendem sua força de trabalho para a classe abastada. Haveria, então, uma **classe dominante** (a classe burguesa, dona do capital) e uma **classe dominada** (a classe proletária, formada pelos trabalhadores).

“Entender a sociedade em que vivemos significa saber que há muitas diferenças e que é preciso olhar para elas. É muito diferente nascer e viver numa favela, num bairro rico, num condomínio fechado ou numa área do sertão nordestino exposta a longos períodos de seca. Essas desigualdades promovem formas diferentes de socialização.”

Fonte: TOMAZI, Nelson Dacio. Sociologia para o Ensino Médio. São Paulo: Saraiva, 2010, p. 19.

Para refletir!

VARELLA, Drauzio. Estação Carandiru. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- ✉ contato@biologiatotal.com.br
- 📺 [/biologiajubulut](#)
- 📷 [Biologia Total com Prof. Jubilut](#)
- 📘 [@biologiatotaloficial](#)
- 🐦 [@Prof_jubilut](#)
- 📌 [biologiajubulut](#)

